Uma história de 50 livros: a prática leitora no coletivo Leia Mulheres de Francisco Beltrão

Carla Lavorati[1]
Mara Fornazari Urbano[2]
Mayara Yamanoe[3]
Angélica Servegnini de Wallau[4]

Resumo: O artigo, em forma de ensaio, tem como objetivo apresentar e analisar as atividades do coletivo Leia Mulheres de Francisco Beltrão, enfatizando a prática leitora do grupo ao longo dos cinco anos de existência. Utilizou-se uma metodologia descritiva e analítica, baseada em dados históricos e na participação direta nas atividades do grupo. Os resultados mostram a evolução do coletivo desde sua fundação em 2018, destacando a diversidade de autoras e obras lidas, bem como a ampliação das atividades para além dos encontros de leitura, como cine debates e ações comunitárias. Considera-se que o Leia Mulheres de Francisco Beltrão promove um espaço de diálogo e reflexão crítica, contribuindo para a conscientização e o empoderamento das participantes. As iniciativas do coletivo culminaram em conquistas significativas, como a representação no Conselho Municipal dos Direitos das Mulheres. A análise destaca, portanto, a importância da leitura como ferramenta para o desenvolvimento de um olhar crítico para questões de gênero e diversidade.

Palavras-chave: Coletivo de leitura; Leia Mulheres; Prática leitora; Diversidade.

A story of 50 books: the reading practice in the Leia Mulheres collective de Francisco Beltrão

Abstract: *The article, in essay form, aims to present and analyze the activities of the Leia Mulheres collective from Francisco Beltrão, emphasizing the reading practices of the group over its five years of existence. A descriptive and analytical methodology was used, based on historical data and direct participation in the group's activities. The results show the collective's evolution since its founding in 2018, highlighting the diversity of authors and works read, as well as the expansion of activities beyond reading meetings, such as film debates and community actions. It is considered that Leia Mulheres de Francisco Beltrão promotes a space for dialogue and critical reflection, contributing to the awareness and empowerment of participants. The collective's initiatives have culminated in significant achievements, such as representation on the Municipal Council for Women's Rights. The analysis therefore highlights the importance of reading as a tool for developing a critical view of gender and diversity issues.*

Keywords: *Reading collective; Read women; Reading practice;Diversity.*

[1] Doutora em Estudos Literários pela UFSM. E-mail: ca_lavorati@yahoo.com.br. Orcid: https://orcid.org/0000-0003-4487-6453
[2] Mestra em Educação pela UNIOESTE. E-mail: marafornazariurbano@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-9029-9584
[3] Doutora em Tecnologia e Sociedade pela UTFPR. E-mail: mayarayamanoe@utfpr.edu.br. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-7974-3274
[4] Mestra em Desenvolvimento Regional pela UTFPR. E-mail: angelicawallau@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-9277-7922

Una historia de 50 libros: la práctica lectora en el colectivo Leia Mulheres de Francisco Beltrão

***Resumen**: El artículo, en forma de ensayo, tiene como objetivo presentar y analizar las actividades del colectivo Leia Mulheres de Francisco Beltrão, enfatizando la práctica lectora del grupo a lo largo de los cinco años de existencia. Se utilizó una metodología descriptiva y analítica, basada en datos históricos y en la participación directa en las actividades del grupo. Los resultados muestran la evolución del colectivo desde su fundación en 2018, destacando la diversidad de autoras y obras leídas, así como la ampliación de las actividades más allá de los encuentros de lectura, como cine-debates y acciones comunitarias. Se considera que el Leia Mulheres de Francisco Beltrão promueve un espacio de diálogo y reflexión crítica, contribuyendo a la concienciación y el empoderamiento de las participantes. Las iniciativas del colectivo culminaron en logros significativos, como la representación en el Consejo Municipal de los Derechos de las Mujeres. El análisis destaca, por lo tanto, la importancia de la lectura como herramienta para el desarrollo de una mirada crítica sobre cuestiones de género y diversidad.*

***Palabras clave**: Colectivo de lectura; Leia Mulheres; Práctica lectora; Diversidad.*

Introdução

Este trabalho tem por objetivo apresentar – a partir da história do clube de leitura Leia Mulheres de Francisco Beltrão – a diversidade das autoras e obras literárias lidas e debatidas pelo coletivo entre os anos de 2018 e 2024, visando compreender como se desdobra a prática leitora nesse contexto. Por meio da apresentação da história dos seis anos do coletivo, passando pela descrição dos pontos de atenção na escolha das escritoras e obras que integraram os calendários anuais de leitura, busca-se descrever sua existência e atuação. O texto está organizado, portanto, a partir da apresentação da história do Leia Mulheres de Francisco Beltrão, como clube de leitura e como movimento público organizado, que propõe e acompanha pautas de interesse das mulheres. Por fim, buscou-se analisar a prática leitora do grupo, por meio da interpretação de marcadores quantitativos sobre as escritoras escolhidas, seus territórios e suas representatividades, servindo de suporte para reflexões qualitativas sobre a escolha das obras lidas, principalmente, no que se refere à diversidade.

Dos encontros à construção coletiva: a história escrita

O Leia Mulheres é um coletivo que se reúne para debater obras escritas por mulheres. O movimento nacional teve sua inspiração no projeto #readwomen2014, de Joanna Walsh. A partir da movimentação nas redes sociais, Juliana Gomes teve a ideia de criar o também considerado clube de leitura. Juliana Leuenroth e Michelle Henriques se juntaram a ela, em março de 2015,

quando aconteceu o primeiro encontro na cidade de São Paulo/SP. No decorrer dos anos, o modelo passou a ser adotado por outros grupos e, conforme página oficial, atualmente, a ideia conta com mais de 400 mediadoras em mais de 100 cidades.

Em 2018, Angélica Servegnini de Wallau, que participava dos encontros do Leia Mulheres em Pato Branco/PR, sugeriu a fundação também em Francisco Beltrão/PR. Na construção inicial do clube estiveram Carla Lavorati, Mara Fornazari Urbano, Raoany de Souza Ribeiro e Natália Nascimento Giongo. Em 2019, somou-se ao grupo Mayara Cristina Pereira Yamanoe. O quarteto Angélica, Carla, Mara e Mayara permaneceu na mediação até o final de 2023, seguindo, então, com Carla e Mara.

O primeiro encontro em Francisco Beltrão aconteceu no dia 18 de agosto de 2018, no auditório da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) Francisco Beltrão. Entre 2019 e 2023, o coletivo esteve vinculado a um projeto de extensão da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) Francisco Beltrão, Leia Mulheres: literatura, diálogo e igualdade de gênero. Para além dos encontros mensais de diálogo sobre as obras, o grupo passou a realizar e/ou colaborar com outras atividades como cine debates, coleta e doação de livros para entidades, ações colaborativas a partir das demandas locais, participação em atos públicos em defesa das mulheres e na mídia local, em entrevistas de rádios, jornais e revistas.

Para enriquecer as possibilidades de debate e mediação, em 2019, passaram a ser realizados, ao menos uma vez ao ano, o intitulado Assista Mulheres, onde são exibidos filmes dirigidos e/ou roteirizados por mulheres. Tais interações resultaram, em novembro de 2020, na convocação do coletivo para a plenária constituinte do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher, lei municipal de 2015 que, por intervenção da Procuradoria de Proteção dos Direitos Humanos do Ministério Público, do estado do Paraná, foi finalmente efetivada, com a eleição das entidades da sociedade civil e da mesa diretora, sob a Presidência do Leia Mulheres em sua primeira gestão (2021-2023). Esta que foi marcada pela organização interna, com elaboração de regimento, instituição de comissões e a realização da I Conferência dos Direitos das Mulheres de Francisco Beltrão, em dezembro de 2022. Destaca-se ainda que 2024 foi um ano de eleições municipais, e o coletivo teve entre suas participantes três pré-candidatas a vereadoras, em uma cidade em que nenhuma mulher ocupa tal posição. Em 2025, ficamos felizes em anunciar que tivemos 4 candidatas eleitas na cidade, sendo uma delas a medidora do Leia Mulheres: Mara Fornazari Urbano.

Somado a isso, ainda é importante mencionar as diferentes ações culturais que marcaram a comemoração dos cinco anos de existência do coletivo no ano de 2023. Em julho, ocorreu a I Quermesse do Leia Mulheres, que recebeu a visita de centenas de pessoas. Realizada em

colaboração com artistas, artesãs, costureiras e cozinheiras, teve o objetivo de promover ações de economia solidária e circular, enfatizando a importância de comprar de quem produz. Em agosto do mesmo ano, mês do aniversário, com os rendimentos advindos da quermesse e de doações espontâneas do grupo, o calendário seguiu em um circuito que recebeu a cientista, compositora e cantora gaúcha Clarissa Ferreira, para o desenvolvimento de três atividades: uma palestra musicada aberta ao público em geral, no auditório da Universidade Tecnológica do Paraná (UTFPR), intitulada “Gauchismo Líquido”; além de um show autoral, em um jantar fechado, com venda integral de lugares, somado à realização de uma oficina de criação, intitulada “Palavras são sons”, no Ateliê Rural Oga Porã.

Posteriormente, em 2024, o calendário foi pensado a partir das estações do ano, com o objetivo de alinhar as atividades de leitura do coletivo Leia Mulheres às mudanças sazonais e ao simbolismo que cada estação carrega. Nesse contexto, é importante destacar também que a curadoria na escolha dos livros é, desde o início, marcada pela atenção em destacar aspectos como a diversidade de raças e etnias, territorialidades, cis e transgeneridade, orientação sexual, plasticidade e posicionamento ideológico. Até julho de 2024, por exemplo, foram lidos e debatidos 50 livros escritos por 47 mulheres, quatro continentes, 22 países, sendo 27 autoras brasileiras, de 10 estados. As tantas narrativas de centro e periferia, campo e cidade, capitais e interiores, materializaram-se nos diferentes gêneros literários: poesia, romance, quadrinhos, conto, ensaio, biografia, jornalismo literário, autossociobiografia. No quadro 1 é apresentada a lista das obras lidas nos últimos seis anos, com respectivo nome das autoras, estado e país.

Quadro 1: Lista dos 50 livros lidos pelo Leia Mulheres

	Ano	**Mês**	**Escritora**	**Obra**	**País/Estado**
01	2018	agosto	Rupi Kaur	Outros jeitos de usar a boca	Índia
02	2018	setembro	Conceição Evaristo	Olhos d’água	Brasil - MG
03	2018	outubro	Hilda Hilst	A obscena senhora D.	Brasil - SP
04	2018	dezembro	Svetlana Alexijevich	A guerra não tem rosto de mulher	Bielorrússia
05	2019	fevereiro	Márcia Tiburi	Feminismo em comum	Brasil - RS
06	2019	março	Djamila Ribeiro	Quem tem medo do feminismo negro?	Brasil - SP
07	2019	abril	Natália Borges Polesso	Amora	Brasil - RS
08	2019	maio	Eliane Potiguara	Metade cara, metade máscara	Brasil - RJ
09	2019	junho	Amara Moira	E se eu fosse puta	Brasil - SP
10	2019	julho	Daniela Arbex	Holocausto Brasileiro	Brasil - MG
11	2019	agosto	Luci Collin	Papéis de Maria Dias	Brasil - PR
12	2019	setembro	Sayaka Murata	Querida Konbini	Japão
13	2019	outubro	Lygia Bojunga	A bolsa amarela	Brasil - RS
14	2019	novembro	Margaret Atwood	O conto da aia	Canadá

15	2020	fevereiro	Carolina Maria de Jesus	O quarto de despejo	Brasil - MG
16	2020	março	Gioconda Belli	O país das mulheres	Nicarágua
17	2020	abril	Guadalupe Nettel	O corpo em que nasci	México
18	2020	maio	Ariana Harwicz	Morra, amor	Argentina
19	2020	junho	Karina Sainz Borgo	Noite em Caracas	Venezuela
20	2020	agosto	Moema Viezzer	Se me deixam falar...	Brasil - RS
21	2020	setembro	Maryse Condé	Eu, Tituba: bruxa negra de Salém	Guadalupe
22	2020	outubro	Jarid Arraes	Redemoinho em dia quente	Brasil -CE
23	2021	fevereiro	Maria Arlete Ferreira da Silva	Da África ao Rocio S Sebastião Qui-lombo de Palmas	Brasil-PR
24	2021	março	Edwidge Danticat	Adeus, Haiti	Haiti
25	2021	maio	Lélia González	Primavera para as rosas negras	Brasil - MG
26	2021	junho	Ryane Leão	Tudo nela brilha e queima	Brasil - MT
27	2021	agosto	Itamara Almeida	Vizinhas: pequenos contos de rosas e outros espinhos	Brasil - RN
28	2021	setembro	Preta Rara	Eu, empregada doméstica	Brasil - SP
29	2021	outubro	Chimamanda Ngozi Adi-chie	Para educar crianças feministas	Nigéria
30	2021	dezembro	Maya Angelou	Poesia Completa	EUA
31	2022	março	Rupi Kaur	O que o Sol faz com as flores	Índia
32	2022	abril	Alexandra Kolontai	A nova mulher e a moral sexual	URSS
33	2022	maio	Han Kang	A vegetariana	Coréia do Sul
34	2022	junho	Malala Yousafzai	Eu sou Malala	Paquistão
35	2022	agosto	Adania Shibli	Detalhe Menor	Palestina
36	2022	setembro	Marjane Satrapi	Persépolis	Irã
37	2022	outubro	Xinran	As boas mulheres da China	China
38	2022	dezembro	Sayaka Murata	Terráqueos	Japão
39	2023	abril	Rita Lee	Rita Lee, uma autobiografia	Brasil - SP
40	2023	maio	Manuela d´Ávila	E se fosse você?	Brasil - RS
41	2023	junho	Aline Bei	O peso do pássaro morto	Brasil - SP
42	2023	agosto	Clarissa Ferreira	Gauchismo Líquido	Brasil - RS
43	2023	setembro	Eliane Brum	A vida que ninguém vê	Brasil - RS
44	2023	outubro	Aline Valek	As águas vivas não sabem de si	Brasil - MG
45	2023	novembro	Carla Madeira	Tudo é rio	Brasil - MG
46	2023	dezembro	Tatiana Lazzarotto	Quando as árvores morrem	Brasil - SC
47	2024	março	bell hooks	Tudo sobre o amor	EUA
48	2024	Abril	Carla Madeira	A natureza da mordida	Brasil - MG
49	2024	Maio	Elena Ferrante	Dias de abandono	Itália
50	2024	Junho	Annie Ernaux	O Acontecimento	França

Fonte: As autoras (2024).

O quadro 1 reflete a diversidade geográfica e literária das obras escolhidas, evidenciando a pluralidade de vozes femininas de diferentes partes do mundo. Embora a maioria das autoras seja brasileira, com destaque para escritoras de diversos estados como Minas Gerais, Rio Grande do Sul, São Paulo e Ceará, há também uma representação significativa de autoras internacionais, como Rupi Kaur da Índia, Svetlana Alexijevich da Bielorrússia e Chimamanda Ngozi Adichie da Nigéria, além de obras de países como Japão, França Itália e Estados Unidos. Esse enfoque internacional enriquece a prática leitora do grupo, proporcionando uma reflexão ampla sobre as realidades e os desafios vividos por mulheres em contextos culturais diversos. A diversidade temática também é notável, com obras que abordam desde questões de identidade e feminismo até questões de violência, história e direitos humanos, permitindo ao coletivo o fomento de um espaço de debate importante.

A curadoria: calendários anuais dos seis anos

O Leia Mulheres de Francisco Beltrão iniciou suas atividades no segundo semestre de 2018. Naquela ocasião, foram selecionadas quatro obras de diferentes estilos literários para promover debates sobre mulheres. A partir da estruturação do projeto de extensão, cada ano passou a ter temáticas distintas para a curadoria das obras. Em 2019, com o tema Mulheres e Diversidade, o objetivo foi contemplar a diversidade de experiências das mulheres através de suas autoras, pensando em recortes, como: mulher negra, mulher indígena, mulher lésbica, mulher trans, mulher paranaense, mulher asiática, etc. Foi o ano com o maior número de obras lidas, 10 no total.

Em 2020, optou-se pela leitura de oito livros com a proposição de uma nova experiência, o Assista Mulheres, como mencionado anteriormente. Desde então, além dos encontros sobre os livros, foram realizadas sessões de cine debate com filmes dirigidos por mulheres. A temática desse ano foi Mulheres Latino-americanas, e os encontros esbarraram no desafio mundial da pandemia, passando a ser mediado por tecnologias até o final de 2021. Esse foi o ano de ler Mulheres Negras e debater os atravessamentos do racismo estrutural revelados em suas obras. Somente em outubro de 2021, com os devidos cuidados sanitários, os encontros retornaram presencialmente em espaços abertos. No ano de 2022, o desafio foi a leitura de mulheres orientais, contemplando escritoras da Ásia Setentrional, Oriente Médio, Ásia Meridional e Extremo Oriente.

Em 2023, ano em que o coletivo completou cinco anos de atividades, a temática foi Cotidianos e Brasilidades. O recorte foi autoras brasileiras que apresentam diferentes formas de viver a brasilidade e as questões do cotidiano. Esse ano foi marcado pela presença de autoras em três dos encontros. Em maio, o encontro virtual com Manuela D'Ávila; em agosto, a presença de

Clarissa Ferreira nos festejos dos cinco anos; e, em dezembro; a participação virtual de Tatiana Lazzarotto, somaram-se a outras oportunidades em que o grupo pode dialogar diretamente com as escritoras, como ocorrido em fevereiro de 2021, com a participação virtual de Maria Arlete Ferreira da Silva; e, em agosto, da escritora Itamara Almeida.

No ano de 2024, a temática da curadoria, definida como Mulheres em Estações, foi organizada a partir dos trimestres: Outono – Reunir: amor, amizade, autonomia; Inverno – Resistir: relacionamento, reprodução, representação; Primavera – Anunciar: desejo, encanto, masculinidade; e Verão – Celebrar. Em junho deste ano, o Leia Mulheres de Francisco Beltrão completou o marco de 50 obras lidas e discutidas pelo coletivo. A partir dessa história, foram catalogadas as obras a partir dos gêneros que se inscrevem, conforme apontado no quadro 2.

Quadro 2: gêneros dos livros lidos pelo Leia Mulheres

Gêneros Literários	**2018**	**2019**	**2020**	**2021**	**2022**	**2023**	**2024**	**Subtotal**
Romance	1	3	5	-	4	3	2	18
Poesia	1	-	-	2	1	-	-	4
Biografia	-	-	1	1	1	1	-	4
Jornalismo literário	-	1	-	-	1	1	-	3
História em Quadrinhos	-	-	-	-	1	-	-	1
Ensaio	-	1	-	3	-	2	1	7
Contos	1	1	1	-	-	-	-	3
Narrativa pessoal	1	3	1	2	-	1	-	8
Infantojuvenil	-	1	-	-	-	-	-	1
Autossociobiografia	-	-	-	-	-	-	1	1

Fonte: As autoras (2024).

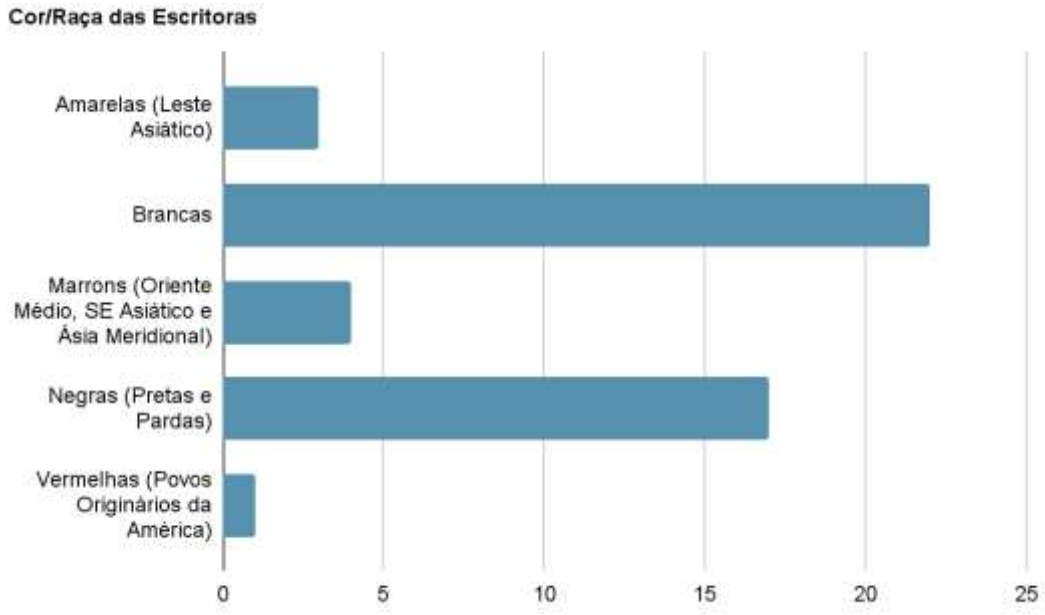
Nessa perspectiva, a análise da catalogação das obras lidas pelo coletivo revela uma diversidade de gêneros literários, refletindo tanto a pluralidade de interesses das participantes quanto a intenção do grupo em promover um olhar amplo sobre a literatura. Observa-se que o romance lidera as escolhas ao longo dos anos, com um total de 18 obras, o que evidencia a relevância desse gênero para o grupo. No entanto, a variedade de gêneros, como poesia, biografia, ensaio e até histórias em quadrinhos, demonstra uma busca por horizontes literários mais amplos, permitindo um espaço de reflexão sobre diferentes formas de narrativa. A presença, mesmo que em menor quantidade, de gêneros como o jornalismo literário e a narrativa pessoal também sugere

a intenção do coletivo de explorar obras que abordam experiências concretas, possibilitando um entendimento mais profundo das realidades sociais e históricas das autoras e personagens. A inclusão de gêneros como o infantojuvenil e a autossociobiografia também demonstra uma preocupação em expandir as discussões para temas e públicos diversos, ampliando as possibilidades de debate a cada encontro. Dessa forma, a evolução das escolhas literárias ao longo do tempo reflete a construção de uma prática leitora diversificada.

Os entrecruzamentos da diversidade: um movimento pela leitura

Sobre a diversidade das autoras lidas, buscou-se ampliar a representatividade ainda que considerando os limites de disponibilidade e acesso às obras. Dessa forma, foram selecionadas obras de escritoras que representassem a comunidade LGBTQIA+, com livros de escritora trans e lésbicas, com as temáticas atravessando os debates de sexualidades e afetividades. Também, observou-se aspectos de plasticidade, com temática e escritora com deficiência. Um aspecto a se observar é a cor/raça das escritoras do Leia Mulheres de Francisco Beltrão. A maioria ainda é composta por autoras brancas, 22 no total, mas a representatividade das não brancas foi maioria, com 17 mulheres negras, quatro marrons (como são caracterizados os povos provenientes do Oriente Médio, Sudeste Asiático e Ásia Meridional), três amarelas e uma pertencente aos povos originários da América, caracterizada como vermelha.

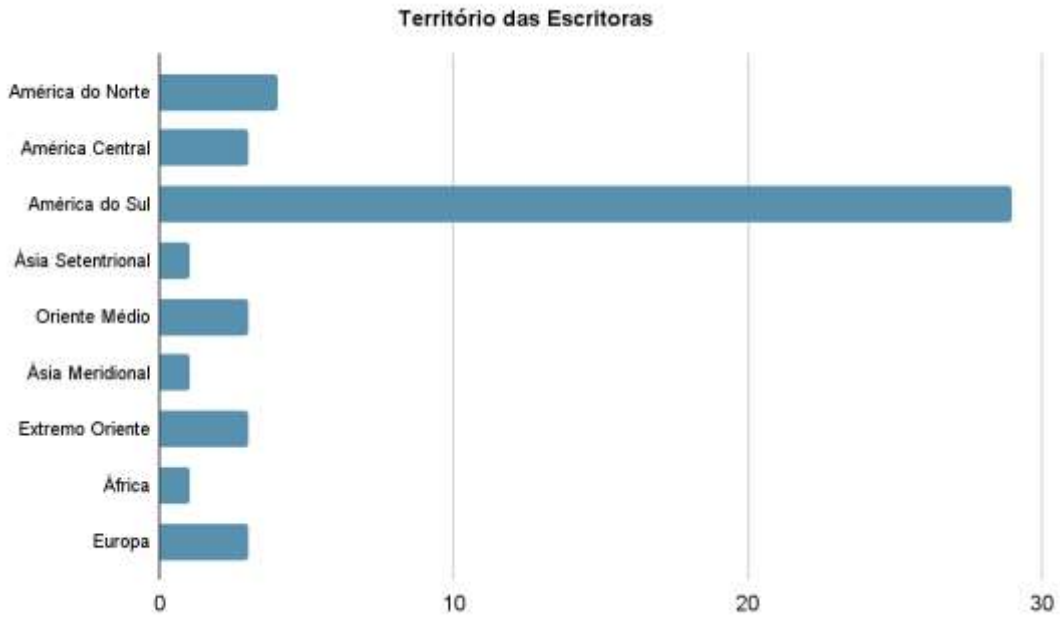
Gráfico 1 – cor/raça das escritoras



Fonte: As autoras (2024).

Em relação aos territórios das escritoras lidas no Leia Mulheres de Francisco Beltrão, observa-se uma diversidade, com ampla maioria do Sul Global, considerando que um ano inteiro foi dedicado às escritoras latino-americanas (2020), e, também, houve um ano todo de escritoras brasileiras (2023), além das brasileiras que compunham os calendários de outras temáticas. Da América do Norte, foram lidas estadunidenses, canadenses e mexicanas. Em relação à América Central, tivemos escritoras do Haiti, Nicarágua e Guadalupe. Da América do Sul, além do Brasil, foram contemplados países, como Argentina e Venezuela. Entre os países do oriente, tivemos escritoras vindas da Ásia Setentrional, da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) ou atual território da Rússia; Oriente Médio, Irã e Palestina; Ásia Setentrional, Índia e Paquistão; e Extremo Oriente ou Leste Asiático, através da China, Coréia do Sul e Japão. Do continente africano, leu-se apenas uma escritora da Nigéria. Por fim, da Europa, foram lidas autoras da Bielorrússia, França e Itália.

Gráfico 2 – território das escritoras

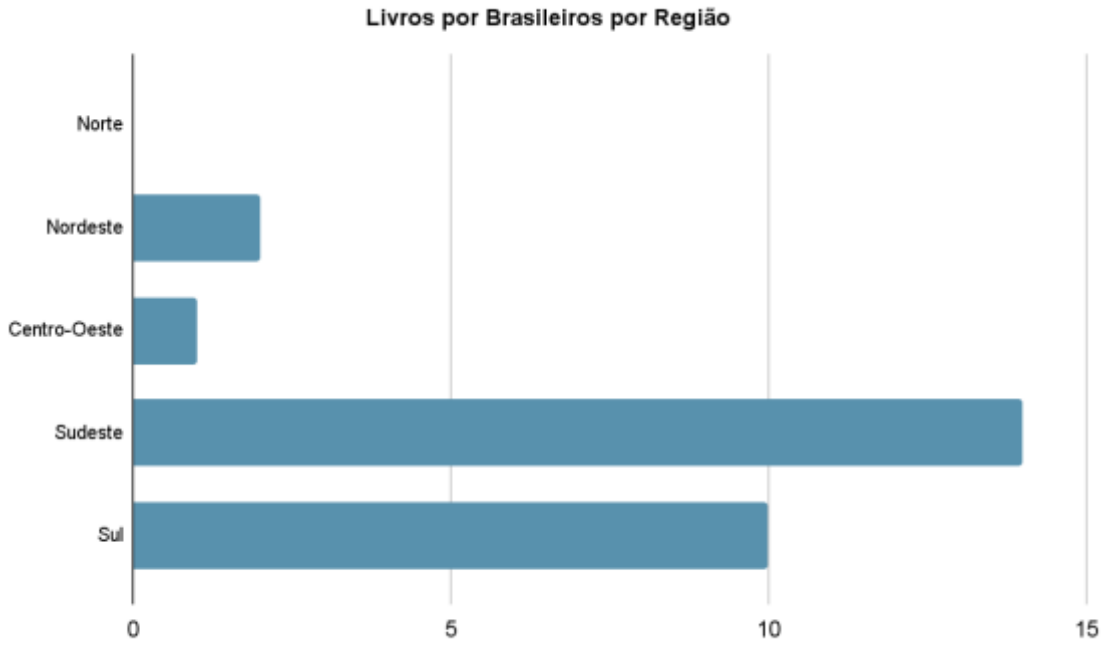


Fonte: As autoras (2024).

A maioria das escritoras lidas foram brasileiras, sendo que a região com mais obras foi o Sudeste, com autoras dos estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. Em seguida, tivemos escritoras do Sul, dos três estados da região: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Do Nordeste, foram lidas escritoras do Ceará e Rio Grande do Norte. Uma escritora da região Centro-Oeste e do Mato Grosso. E não foram lidas obras da Região Norte. Uma questão observada

pela curadoria é a dificuldade de acesso a publicações em algumas regiões, com exceção do Sudeste, que abarca maior parte do mercado editorial, o que se reflete na leitura, já que somente os três estados dessa região somaram mais da metade das obras lidas (51,8%).

Gráfico 3 – Livros por brasileiros por região



Fonte: As autoras (2024).

Nesse contexto, Rio Grande do Sul e Minas Gerais lideram, como apontado no gráfico 4, cada um representando 25,9% das escritoras, seguidos por São Paulo, com 22,2%. Paraná contribui com 7,4%, enquanto estados como Rio de Janeiro, Santa Catarina, Ceará, Rio Grande do Norte e Mato Grosso apresentam apenas 3,7% cada. Destaca-se, portanto, a importância dos dados e a problematização das regiões menos representadas como parâmetro para as futuras escolhas da mediação.

Gráfico 4 – Estados das escritoras brasileiras

Fonte: As autoras (2024).

A partir dos dados citados, é possível afirmar que o coletivo tem promovido a leitura e a discussão a partir de diferentes autoras e obras. Por exemplo, em 2019, a temática “Mulheres e Diversidade” incluiu obras de mulheres negras, indígenas, lésbicas, trans, asiáticas, e outras, evidenciando um compromisso com a representação ampla e inclusiva das diferentes vivências femininas. Em 2021, ao focar em "Mulheres Negras", o coletivo destacou os atravessamentos do racismo estrutural, promovendo debates que iluminaram as complexas intersecções de opressão (Davis, 2016).

O coletivo, portanto, não apenas realiza encontros para discussão de livros, mas, também, amplia suas atividades para incluir cine debates, ações comunitárias e eventos culturais, como a quermesse e as palestras musicadas. Essas iniciativas promovem um espaço de diálogo e reflexão crítica, no qual a leitura pode ser uma ferramenta importante para a conscientização e o empoderamento.

Os dados demonstram um compromisso contínuo com a diversidade e inclusão. Desde 2018, o coletivo leu obras de 47 mulheres de diferentes raças, etnias, orientações sexuais e nacionalidades. Essa diversidade é essencial para proporcionar uma visão mais completa e representativa das experiências femininas (Brah, 2006). Além disso, as atividades do coletivo não se limitaram à leitura. A criação do "Assista Mulheres", em 2020, por exemplo, que incluiu filmes dirigidos por mulheres, ampliou ainda mais as formas de engajamento e debate.

A análise do território das escritoras revela uma predominância de autoras do Sul Global, com leituras significativas de escritoras latino-americanas e brasileiras. No entanto, também há uma preocupação com a representatividade global, incluindo autoras da América do Norte, Europa, Ásia e África. Essa abordagem contribui para uma compreensão mais ampla e inclusiva das diversas realidades e diferentes contextos culturais. O coletivo também enfrentou desafios, como a pandemia de COVID-19, que exigiu a adaptação dos encontros para o formato virtual. Mesmo assim, o Leia Mulheres de Francisco Beltrão continuou suas atividades e expandiu sua influência, culminando em representações significativas, como a cadeira no Conselho Municipal dos Direitos das Mulheres.

Nesse sentido, defendemos a importância da representatividade das mulheres em diferentes espaços sociais, em especial, destacamos a importância da promoção da escrita e da leitura, contexto no qual muitas experiências de vida tem potencial de ressoar nas obras discutidas (Lorde, 2019). Assim, espaços coletivos, como o clube de leitura Leia Mulheres, enriquecem as experiências individuais de leitura, sempre que se reúnem, em roda, para compartilhar experiências, vivências, histórias. A seguir, um pouco da história do coletivo a partir dos registros fotográficos: Figuras 1 a 6.

Figura 1 - Estandarte do coletivo sendo confeccionado por uma das participantes

Fonte: Arquivo do Leia Mulheres/FB

Figura 2 - Ato em memória das vítimas de feminicídio na praça central da cidade de Francisco Beltrão

Fonte: Arquivo do Leia Mulheres/FB

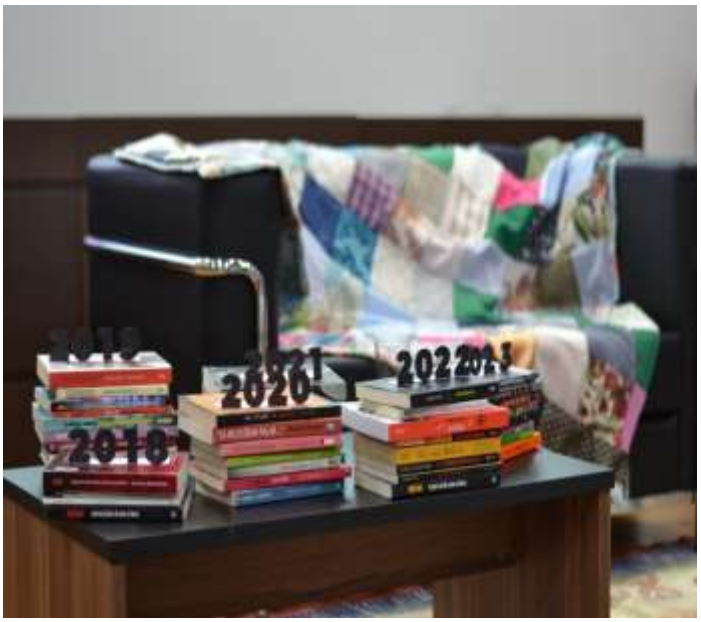
Figura 3 - Encontro de leitura, roda de discussão no espaço Oga Porã

Fonte: Arquivo do Leia Mulheres/FB

Figura 4 – Primeira quermesse em comemoração aos cinco anos do coletivo Leia Mulheres, ocorrido em 29 de julho de 2023

Fonte: Arquivo do Leia Mulheres/FB

Figura 5 - Espaço organizado para receber a artista Clarissa Ferreira, dia 25 de agosto de 2023, para palestra sobre "Gauchismo Líquido"



Fonte: Arquivo do Leia Mulheres/FB

Figura 6 - Palestra sobre “Gauchismo Líquido”, com a artista Clarissa Ferreira, no anfiteatro da Universidade Tecnológica do Paraná, em Francisco Beltrão

Fonte: Arquivo do Leia Mulheres/FB

As imagens apresentadas nas figuras de 1 a 6 oferecem um panorama significativo da trajetória do coletivo Leia Mulheres de Francisco Beltrão, refletindo momentos de mobilização, reflexão e celebração. A primeira imagem (figura 1), que captura a confecção do estandarte do coletivo por uma de suas participantes, simboliza o início da criação de uma identidade visual que represente o grupo. O ato em memória das vítimas de feminicídio, registrado na segunda imagem (figura 2), demonstra o compromisso do coletivo com a visibilidade e o engajamento com a comunidade local, destacando a importância da luta contra a violência de gênero. Já a roda de discussão realizada no espaço Oga Porã, apresentada na terceira imagem (figura 3), ilustra o caráter colaborativo e acolhedor das atividades do grupo, que busca promover um ambiente de troca de experiências e reflexão sobre temáticas diversas.

Enquanto isso, a comemoração dos cinco anos do coletivo é destacada nas imagens da I Quermesse, da palestra “Gauchismo Líquido” e da oficina de criação “Palavras são sons”, com a cientista, compositora e cantora gaúcha Clarissa Ferreira, evidenciando o fortalecimento e a ampliação das ações do grupo ao longo do tempo. Dessa forma, o circuito comemorativo dos cinco anos do Leia Mulheres/FB foi organizado para promover as mulheres tanto no espaço acadêmico, como no espaço da arte, da literatura e da música. Esses registros fotográficos não apenas documentam o desenvolvimento do coletivo, mas também mostram o crescimento do movimento e suas ações culturais e político-sociais.

Conclusão

A descrição das atividades do coletivo Leia Mulheres de Francisco Beltrão, à luz dos marcadores quantitativos, contribuiu para análise da prática leitora do grupo, revelando um esforço significativo para promover a diversidade e a inclusão de escritoras de diferentes localidades, cor/raça. Nesse contexto, movimenta-se um espaço de diálogo crítico e empoderamento, refletindo a diversidade das experiências de escrita e leitura. No entanto, a concentração da quantidade de obras de autoras do Sudeste brasileiro destaca uma limitação imposta pelo mercado editorial favorece a publicação de obras dessa região. Essa concentração, embora importante, revela um desafio contínuo para ampliar o acesso a obras de outras regiões do país.

A leitura de histórias de mulheres negras e amarelas expõe as vivências atravessadas pela violência e a marginalização, trazendo à tona a importância de discutir o racismo estrutural e outras formas de opressão. Essas leituras desafiadoras são essenciais para a compreensão das múltiplas camadas de discriminação que afetam essas mulheres. Além disso, o coletivo enfrenta limitações no acesso a obras de mulheres indígenas, uma questão que está intimamente ligada ao marcador cultural da história oral e da limitação ideológica que agencia o mercado editorial.

Ainda assim, é possível afirmar que o Leia Mulheres de Francisco Beltrão promove uma prática leitora que busca diversificar a experiência literária das participantes, contribuindo com a problematização da representatividade das mulheres em diferentes espaços. Acreditamos, portanto, que a continuidade e a expansão dessas práticas de leitura são fundamentais para promover possibilidades de transformação social, tanto em relação às limitações impostas pelo mercado editorial quanto às demais demandas político-sociais.

Referências

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, Campinas-SP, n. 26, p. 329-365, 2006.

CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

LORDE, Audre. Não existe hierarquia de opressão. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

SALOMÃO, Amanda; SALDANHA, Gustavo Silva. Leitoras de mundo: mulheres e vivências em clubes de leitura. Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação - **ANCIB**, v. 14, 2021.

Recebido em 10/01/25 aprovado em 16/04/25